**O SEQUESTRO DA SUBJETIVIDADE ENQUANTO ÚNICO MÉTODO DA EVOLUÇÃO CAPITALISTA: UMA DIALOGIA FÍLMICA PARA A DIALÉTICA MARXISTA**

Davi Junqueira Marin [[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

No passado – ou melhor, a partir de Marx, com a formação de uma intelectualidade que se colocasse a favor do proletariado ou que ao menos buscasse –incialmente, tardiamente ou não, mas de toda forma finalmente – descrever e esclarecer filosoficamente a questão da exploração das elites sobre suas classes de trabalhadores a partir de suas relações de mais valia, entre outras, em tempos que se iniciava a sociologia enquanto ciência que colocava o explorado enquanto objeto científico, no foco da discussão das necessidades e das importâncias políticas, o capitalismo, comparado ao que temos hoje, quase duzentos anos depois, ainda engatinhava, como podemos extrair de autores como Boltanski e Chiapello (2020), Dardot e Laval (2022). Com as questões trabalhistas não tem sido diferente e, como enuncia Gramsci (1978), é muito difícil e custoso, demorado, mas não impossível, que se forme uma classe de pensadores a favor de uma então já formada intelectualidade que, nas palavras do mesmo Gramsci, seriam aqueles que desempenham qualquer função social um pouco mais complexa, sob o ponto de vista dos letramentos, dos repertórios culturais e sociais, das atribuições de suas funções. Se para as classes favorecidas isso já é difícil, imaginemos para as classes de operários e trabalhadores excluídos de toda sorte.

Uma busca de construção epistêmica que passa então a contribuir para uma resistência frente aos poderes instituídos. A epistemologia marxista dá início, contemporaneamente, à micro física dos poderes proletários, em termos foucaultianos (Foucault, 2018).Depois de Marx veio Freud, com sua ideia de inconsciente, sequestrando para sua nova ciência recém inaugurada, a psicanálise, todo o percurso histórico que o mundo tinha até ali no uso das forças ancestrais para as dialéticas do cotidiano, na transposição e transmutação do *mŷthos*, como coloca Paul Ricoeur se quisermos trabalhar a ideia da vida ser *ipsis* *literis* uma narrativa, com ações e eixos temporais em suas linhas sequenciais, costurando coerências e buscando coesão no texto da vida, texto social, tecido da cultura.

O que de fato observamos é que, na toada do século XX, o *modus operandi* capitalista cedeu lugar à uma mecânica antes psicanalítica que meramente uma dialética de classes no chão da fábrica, na fazenda, nas instituições públicas ou privadas, ou qualquer outro espaço de trabalho. Se a dialética de classes ainda existe, ela já está internalizada em processos mentais por vezes difíceis de serem identificados.

**Palavras chave:** Subjetividade e capitalismo. Dialética da obediência. Cinema e Sociologia do trabalho.

1. Graduação em Comunicação Social - hab. em publicidade e propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM, 2002). Com especialização em Gestão Pública e Gerência de Cidades pela UNESP de Araraquara SP (2005), é mestre e doutor em Comunicação e Semiótica (PPGCOS) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC, 2018 e 2022). Foi professor pela UNICEP, em São Carlos - SP. https://orcid.org/0000-0001-6231-1136 [↑](#footnote-ref-1)